

Polícia



AMOSTRAS DE COCAÍNA foram estudadas pelo professor Zanata Brandão, que classificou nível de adulteração delas

PESQUISA ANALISOU DROGA

Cocaína no Estado tem até pó de vidro

Gesso, cal e pó de giz também são usados por traficantes para aumentar volume da droga. Produto do Sul é o mais adulterado

Leone Oliveira

Gesso, pó de vidro e cal. Parece a construção de uma casa, porém, trata-se da destruição do organismo de usuários de cocaína, conforme mostrou uma pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

O estudo identificou, pelo menos 10 substâncias misturadas a cocaína vendida nas ruas do Estado. Até pó de vidro foi encontrado nas amostras analisadas.

A pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Química da Ufes (PPGQUÍ), feita no Labpetro do Núcleo de Competências do Pe-

tróleo da universidade, foi iniciada em julho do ano passado e terminou na dissertação de mestrado apresentada por Zanata Brandão Amorim, em março deste ano. Ele é professor de Química do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) e mestre em Química Forense.

Zanata conta que analisou cerca de 80 amostras de cocaína apreendidas e cedidas pela Polícia Civil. “A gente queria saber se aqui era usado muito diluente”, afirma ele.

Segundo ele, o levantamento identificou a utilização de pelo menos 10 substâncias, chamadas de diluente, para adulterar a cocaína.

Esses materiais, explica Zanata, não possuem o efeito da droga, mas são utilizadas pelos traficantes para aumentar a quantidade de entorpecente, por apresentarem coloração semelhante à cocaína, e o lucro com a venda.

“A cocaína se dissolve em água, mas tivemos que utilizar um equipamento de digestão por radiação microondas tamanho o grau de

adulteração dela”, revelou ele.

Na pesquisa, o Estado foi dividido em três grandes regiões (Metropolitana, Sul e Norte). Dessa forma, ele pôde comparar o grau de adulteração da droga de um lugar para o outro.

No ranking, a campeã em adulteração foi a cocaína vendida na região Sul do Estado. Ele explicou no estudo que a maior mistura da droga se deve em função proximidade do Rio de Janeiro, onde é comum a mistura.

Em segundo lugar, ficou a cocaína vendida na região Metropolitana. As amostras do Norte foram as que registraram menor mistura com o uso de diluentes.

A pesquisa teve a participação de pesquisadores, alunos de graduação e da iniciação científica da pós-graduação, professores e peritos da Polícia Civil. O estudo deu origem a dois projetos de pesquisa no Ifes de Linhares. Agora, Zanata deve publicá-lo em uma revista internacional de Química Forense.



FERNANDO RIBEIRO/AT

RANKING DA PUREZA

1ª REGIÃO NORTE
Na cocaína vendida em municípios como São Mateus, os pesquisadores encontraram o menor grau de adulteração.

2ª REGIÃO METROPOLITANA
No entorpecente de municípios como Vila Velha, Vitória e Serra foi identificado um pouco mais de mistura.

3ª REGIÃO SUL
Na amostra de municípios dessa região, como Guaçuí, foi onde os pesquisadores encontraram maior mistura de diluentes.

DILUENTES ENCONTRADOS NA COCAÍNA

Droga nada pura

A pesquisa analisou cerca de 80 amostras de cocaína de todo o Estado. Os pesquisadores encontram substâncias como talco, pó de giz, pó de vidro, trigo e açúcar. Oito pessoas participaram do estudo.



QUINTAIROS: diluentes usados na cocaína causam doenças pulmonares

Substâncias lesionam os pulmões

O uso da cocaína adulterada causa ainda mais danos ao organismo do usuário, explica o médico especialista em dependência química, Luiz Sérgio Quinteiros.

Segundo ele, as substâncias diluentes não são absorvidas e provocam doenças pulmonares obstructivas crônicas (DPOC). “Quando inspira a cocaína, essas substâncias estão indo para o pulmão e causando lesões graves na rede alveolar”, explica.

Entre essas doenças está a silicose, comum em pessoas que traba-

ham no corte de mármore sem o uso de máscaras.

De acordo o médico, essa doença consiste no endurecimento do pulmão. “O pulmão fica rígido e a pessoa não consegue inspirar”, explicou o especialista.

Contudo, o primeiro impacto causado pelo uso de cocaína é no septo nasal do usuário, segundo Quinteiros. “Os pequenos pedaços que não viraram pó vão perfurando o septo nasal”, conta o médico.

O professor de Química do Ifes, mestre em Química Forense, Zana-

ta Brandão Amorim, que também atua na diretoria do Sindicato dos Professores no Estado (Sinpro/ES), ressalta que o usuário de cocaína acostumado a usar droga muito misturada corre o risco de sofrer uma overdose ao utilizar esse entorpecente em estado mais “puro”.

Quinteiros confirma essa tese e explica que isso acontece pelo fato das substâncias que causam efeito de agitação, próprios da droga, no organismo do usuário serem encontrados em maior concentração na cocaína mais pura.